

OS Tchechos.

VILÉM FLUSSER

Os recentes acontecimentos na Tchecoslovaquia não podem, obviamente, ser avaliados quanto à sua importância para o futuro próximo e mais distante antes de decorrido um tempo razoavelmente longo. Mas desde já têm eles a marca de acontecimentos críticos, isto é daqueles que prenunciam novas fases. Exigem portanto que o observador da cena procure captar lhes o significado, embora deva suspender juízo com respeito a eles. O presente artigo tem o propósito de assistir na captação do significado, ao procurar colocar os acontecimentos no contexto histórico e cultural no qual ocorreram.

Os tchecos são o mais ocidental dos povos eslavos. Praga está situada a oeste de Viena, (sua cidade gêmea), e Berlim não é apreciavelmente mais ocidental que ela. Mais exatamente: os tchecos são o mais ocidental dos povos eslavos, porque resistiram à pressão germanizadora, ("Drang nach Osten"), à qual sucumbiram outros povos eslavos situados mais ao oeste. A própria Berlim está situada em terra outrora eslava, e o poeta Kollar canta, ao visitar Berlim: "Stoj noho, posvátná jsou místa kamkoli kráčíš, dříve kolébka nyní národa mého rakev" (Pare, ó pé, sagrados são os lugares que pisas, berço do povo, mas ai, cova agora lhe são). A resistência aos alemães, a permanente afirmação da identidade nacional ameaçada pelo envolvimento alemão, marca a história tcheca. Na época que se segue à guerra dos Trinta Anos, essa identidade nacional parece querer dissipar-se. O esforço germanizador do Império Austro-Húngaro faz com que a própria língua tcheca caia praticamente em desuso na segunda metade do século 18 e degenerasse em mero dialeto. É por iniciativa deliberada de uns poucos filólogos românticos, (dos chamados "despertadores"), que a língua e literatura tcheca renasce. É característico que esses filólogos escrevem suas obras nacionalistas em alemão, e que seguem, em sua orientação filosófica, o pensamento de Fichte.

A rigor, os tchecos ocupavam, nos chamados "países históricos" (Boêmia e Morávia, os territórios da coroa tcheca), até 1945 uma ilha cercada por alemães de todos os lados. Os eslovacos, o mais próximo povo eslavo, estavam separados deles por uma faixa, embora estreita, de aldeias alemães e cidades germanizadas. Isto não é mais o caso. Os alemães foram praticamente eliminados das terras da coroa tcheca pela derrota de Hitler. O cerco alemão está quebrado, e isto pode modificar o caráter nacional tcheco, (se é que tem sentido usar-se esse termo). A proverbial prudência tcheca, (chamada "covardia" pelos inimigos), e que pode ter sido consequência de uma situação sitiada, pode muito bem pertencer ao passado.

As terras tchecas foram conquistadas por tribos eslavas propulidas para lá pelos avaros provavelmente nos séculos 5 e 6 da nossa era. Uma tribo germânica, os marcomanos, (os atuais bávaros), ocupavam então essas terras. Uma das contendas permanentes entre tchecos e alemães, desprovida (provisoriamente?), de sentido, é esta: são os alemães das terras históricas descen-

VILÉM FLUSSER

21

dentes dos marcomanos, ou de colonizadores convidados pelos príncipes tchecos no século 8? Os "sudetos", (os alemães), obviamente optavam pela primeira alternativa. Masaryk chamou os alemães, em uma das suas obras, de "imigrantes e colonizadores". Quando da instalação do primeiro parlamento tchecoslovaco em 1918, os deputados alemães abandonaram, aos gritos "os imigrantes e colonizadores se retiram" o recinto. Creio ser este um bom exemplo da incompetência de explicações historicistas para a captação de uma situação concreta.

Durante o período da formação nacional lutavam o Império latino nascente e o Império grego pelo domínio dos tchecos. A luta tomava a forma de missões católicas e ortodoxas. Depois de breve e superficial dominação ortodoxa os tchecos foram convertidos ao catolicismo, e a escrita tcheca não é a cirílica, (como o é da maioria dos eslavos), mas a latina. A ortodoxia não deixou traço visível na tradição tcheca, embora um jungiano, por exemplo, possa argumentar que ela continua exercendo influência subconsciente. Muito cedo também se diluía a tradição primitiva, (os mitos eslavos tão potentes ainda em outros povos), e os deuses Perún e Vesna, por exemplo, (os Varuna e Vichnu do sânscrito), caíram praticamente ao esquecimento. A mitologia cristianizada que aflora nos cantos populares e nos contos de fadas é largamente germânica e celta. Mas, a despeito disto, um aroma eslavo pervade toda tradição tcheca, indisfarçável embora dificilmente articulável. Basta ouvir uma única canção popular tcheca, (ou Dvořák), para convencer-se disto. Eslavos radicalmente ocidentalizados, mas eslavos a despeito de tudo, eis que são os tchecos. Embora a eslavofilia e o panslavismo do século 19 tenham sido ainda mais inautênticos em Praga que em Moscou, (como tomada de consciência), tinham raízes. Certamente eram mais autênticos que o pangermanismo hitleriano de um berlinense.

Esta fisionomia nacional explica, em parte, a posição importante que os tchecos ocupavam na história medieval e moderna da Europa, e que parecem querer tornar a ocupar pelos acontecimentos recentes. É esta: ser ponte entre o ocidente e oriente europeu, embora pendendo para o ocidente. Em outras palavras: ligar pensamento e vida latinos e gregos em forma latina. Isto explica, em parte, porque ocupavam os reis tchecos, no auge da Idade Média, o trôno imperial latino. Porque o primeiro movimento popular reformador, (o husita), tenha surgido em Praga, e porque, embora reformador, tenha tido um caráter tão diferente do luteranismo ou calvinismo. Porque Praga tenha sido a sede da segunda universidade latina, e porque essa universidade tenha mostrado tendências para a deslatinização, (a "vulgarização"), muito antes de Paris, Wittenberg ou Leipzig. Porque o humanismo tenha produzido figuras tão inauditas como Jorge de Poděbrad, (que não apenas sonhou, mas tentou realizar o sonho de de Gaulle da "Europa dos europeus"), ou como Comenius, (que, com sua "Anua Linguarum Reserata" pré-figura uma filosofia linguística muito mais tarde articulada pela "Escola de Praga" e "de Viena".

VILÉM FLUSSER

e com seu "Orbis pictus" praticamente programa o movimento enciclopedista). Porque, refeito no início do século 19 da onda germanizadora, o povo tcheco tenha voltado a produzir movimentos culturais que iam apontar caminhos para a Europa, e que culminaram naquela verdadeira explosão de iniciativas que marca o primeiro terço do século 20, (por exemplo os movimentos literários conhecidos no Ocidente pelos seus representantes em língua alemã como Rilke e Kafka, ou os movimentos filosóficos conhecidos no Ocidente como simbolismo lógico e fenomenologia). Os acontecimentos recentes tendem pelo menos a sugerir que este impulso, interrompido por Hitler e Stalin, ainda não está esgotado.

De um ponto de vista marxista poderia dizer-se que estes movimentos eram fundamentados por uma infra-estrutura econômica muito progressista. A Revolução industrial deu-se muito cedo em terras tchecas, e já na metade do século 19 tinha surgido um parque industrial variado, baseado sobre uma indústria carbonífera e siderúrgica das maiores na Europa. Esta industrialização rápida, aliada a uma agricultura intensa, dava aos tchecos um nível relativamente alto de vida, (se comparado por exemplo com a maior parte da Alemanha ou França). As terras tchecas passaram a ser centro industrial do Império Austro-Húngaro, fato que explica a desintegração do Império pela secessão tcheca. As tentativas tardias do último imperador no sentido de transferir a capital de Viena para Praga, embora inteiramente ineficazes, ilustram a situação no começo do século 20. E isto explica também o caráter excepcional da República tchecoslovaca, quando estabelecida. Uma democracia liberal, regida por uma burguesia de nível relativamente alto intelectualmente e moralmente, (se comparada por exemplo com a burguesia alemã), e baseada sobre um proletariado evoluído e bem organizado, (por exemplo com cooperativas modelares), e camponeses relativamente abastados. Nos anos 30 uma ilha de democracia social no mar da barbárie nazista e da miséria semi-feudal dos países a leste.

A burguesia tcheca do século 20 merece uma consideração, embora passageira. Fortemente marcada pela influência de intelectuais reunidos em redor da figura de Masaryk, tendia ela a libertar-se de preconceitos que marcam as burguesias de outras culturas. Havia, na primeira República, um clima de repúdio a preconceitos raciais, religiosos e sociais, sem par, creio, no resto da Europa, e, embora estes preconceitos não tenham sido eliminados, estavam nitidamente diminuindo. É este clima que caracteriza o vigor intelectual da primeira República, e especialmente de Praga.

A despeito de tudo isto, a República não era viável. Principalmente por causa dos alemães, que representavam uma irredenta e ameaçavam constantemente a estrutura do Estado, já que representavam perto de um terço da população das terras tchecas. Mas também por causa da anômala ligação entre tchecos e eslovacos. Estes, lingüisticamente muito próximos dos tchecos, têm, no entanto, uma tradição inteiramente diversa. Povo de agricultores de terras

VILÉM FLUSSER

pobres e montanhosas, dominado secularmente pela administração semi feudal húngara e pela burguesia húngara nas próprias cidades eslovacas, vivia ele afastado das correntes ocidentais, não tendo sequer evoluído uma autêntica literatura. Estruturado por tradições petrificadas, vivendo folclóricamente, representava o povo eslovaco uma região "subdesenvolvida", comparável aos Balcãs. A decomposição do Império Austro-Húngaro, e os esforços de um líder eslovaco, (Stefánik), ligaram os destinos dos eslovacos, quase acidentalmente ao dos tchecos. O resultado foi uma predominância tcheca sobre os eslovacos, gerada quase espontaneamente, a qual, acrescida pela irredenta húngara na Eslováquia, rasgava o tecido do Estado por dentro. Este fato tornou-se óbvio em 1938, quando a Eslováquia, sob proteção hitleriana, estabeleceu seu "soit disant" Estado, marcado por fanatismo, ignorância, bigoteria e obscurantismo. E também pela resistência aos alemães, que se enquadrava na tradição eslovaca de bandoleiros. A influência "civilizadora" dos tchecos na Eslováquia tinha fracassado.

A República ressurgiu dos escombros da Segunda guerra, apenas sem sua parte mais oriental e anormal, sua parte ucraniana. Mas era uma ressurreição não do espírito, mas de um espectro. Incluída, após breves convulsões, no império stalinista, via-se ela submetida ao sistema do socialismo russo. Nas terras tchecas isto representava um nítido retrocesso, (embora na Eslováquia talvez não se possa dizer o mesmo). As conquistas sociais e socialistas do proletariado tcheco foram postas de lado e substituídas por legislação imposta. A burguesia foi marginalizada. Os camponeses submetidos a uma coletivização dogmática e inapropriada. A abertura intelectual e espiritual, tão características da primeira República, foi substituída por uma estreiteza fanática e ortodoxa alheia à mentalidade tcheca. A administração passou, de muito eficiente e racional, a ineficiente, amadorística e imitativa. Não foi apenas a qualidade intelectual dos produtos tchecos que sofreu abalo. Também os produtos industriais e artesanais, frutos de um aprendizado centenário, sofreram em qualidade. E os países tchecos, tão recentemente ainda superiores em nível econômico, social, e cultural, aos vizinhos ocidentais passaram a deslizar relativamente, (e talvez também absolutamente). Uma viagem de Viena para Praga o prova. Se feita em 1938, ela demonstra o quanto Praga tinha superado a decadente Viena. Se feita em 1968, demonstra o quanto Viena se recuperou, em comparação com a decadente Praga.

O sistema socialista russo penetrou, nas terras tchecas, pela primeira vez um terreno altamente desenvolvido. (Com exceção da Alemanha Oriental, cujo caso é, no entanto totalmente diverso.) A situação é comparável com esta: um universitário é forçado a matricular-se em jardim de infância e comportar-se como criança. Quando da Revolução de Outubro Lenin foi atormentado pelo seguinte problema: Pode o socialismo ser estabelecido em país subdesenvolvido, (Rússia), e espalhar-se de lá para as terras desenvolvidas? A Tchecoslovaquia é a sua resposta. Mas uma resposta que apenas começa a ser dada pelos acontecimentos recentes.

VILÉM FLUSSER

Se a breve análise da situação, proposta por este artigo, for aproximadamente correta, os tchecos estão procurando reassumir a posição que lhes cabe na Europa. Servir de ponte. E isto em duplo sentido. No primeiro como povo ocidental de tradição eslava. No segundo como sociedade altamente desenvolvida pelo capitalismo, e vivendo em socialismo. Parece que os tchecos estão querendo assumir-se no seu destino. Estão lutando. Se vencerem, podem representar um núcleo para a reunificação de uma cultura dividida contra si mesma: a nossa. Uma cultura, na qual as duas Romas se reúnem, e o socialismo e neo capitalismo se superam "dialécticamente". Se forem derrotados, quem terá coragem para prognosticar o futuro? Os recentes acontecimentos na Tchecoslovaquia são prenes de significado.